

POSICIONAMENTO, LINGUAGEM E AQUILOMBAMENTO: *EMOJIS* NEGROS COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA NO DIGITAL¹

Sanny Kellen Anjos Cavalcante CANUTO

Valdir SILVA

Universidade do Estado de Mato Grosso

Resumo: As tecnologias digitais de informação permitem que práticas, antes moldadas às atividades analógicas, passem a existir, também, em ambientes *online*. Uma vez estabelecidas nas práticas sociais e de linguagem, essas ferramentas ressignificaram pensamentos e ações, tornando-se indispensáveis a discussões importantes como os processos de alteridades, identidades e temáticas étnico raciais. Nessa senda, objetivamo-nos a fomentar uma discussão acerca da racialização dos *emojis* utilizados em ambientes virtuais enquanto ferramentas identitárias e de resistência negra no digital. A fim de exemplificar o que nos propomos discutir, analisamos alguns comentários produzidos por participantes de uma *live* realizada por mulheres quilombolas no *Facebook*. Teoricamente, esta pesquisa ancora-se nos postulados da Linguística Aplicada enquanto propulsora do pensamento que toma a língua enquanto prática social, transdisciplinar, indisciplinar e transgressiva. Além disso, utilizamos alguns conceitos dos Sistemas Dinâmicos Complexos (Paiva, 2015), Teoria do Posicionamento (Barton; Lee, 2015), dentre outros estudiosos pertinentes à discussão. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, cujo objetivo exploratório permitiu investigar, analisar e conceber uma visão sistemática do objeto em questão. Diante das interações dos usuários que se expressaram durante a *live*, foi possível perceber que os usos dos *emojis* se dá em dois níveis, que são: a junção de *emojis* com a escrita textual; e a utilização apenas dos *emojis* como forma de comunicar. Isso evidencia que esses elementos pictográficos são uma linguagem que completa sua intenção, ou seja, comunica de forma inteligível, e que quando são racializados, tornam-se ferramentas discursivas de identidade e de resistência negra no digital.

Palavras-chave: Aquilombamento Digital. Mulheres Quilombolas. *Emojis*. Posicionamento Negro.

¹ Este artigo é parte da dissertação de Mestrado intitulada “Aquilombamento Digital nas Práticas Sociais e de Linguagem em uma Página de Mulheres Quilombolas no *Facebook*: posicionamentos, identidades e complexidade”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, no ano de 2022, dentro da linha de pesquisa “Estudos de Processos de Práticas Sociais da Linguagem”.

POSITIONING, LANGUAGE AND AQUILOMBAMENTO: BLACK EMOJIS AS TOOLS OF RESISTANCE IN THE DIGITAL WORLD

Abstract: Digital and information technologies allow practices, previously molded to analog activities, to exist, also, in online environments. Once established in social and language practices, these tools have resigned thoughts and actions, becoming indispensable to important discussions such as the processes of alterities, identities, and racial/ethnic themes. In this sense, we aim to promote a discussion about the racialization of emojis used in virtual environments as tools of black identity and resistance in the digital world. In order to exemplify what we propose to discuss, we analyze some comments produced by participants of a live broadcast held by quilombola women on Facebook. Theoretically, this research is anchored in the postulates of Applied Linguistics as a proponent of thought that takes language as a social, transdisciplinary, undisciplinary and transgressive practice. In addition, we used some concepts from Complex Dynamical Systems (Paiva, 2015), Positioning Theory (Barton; Lee, 2015), among other authorities pertinent to the discussion. In methodological terms, this is a research of qualitative nature, whose exploratory objective allowed to investigate, analyze and conceive a systematic view of the object in question. Given the interactions of users who expressed themselves during the live, it was possible to realize that the uses of emojis occur on two levels, which are: the junction of emojis with textual writing; and the use of emojis alone as a way to communicate. This highlights that pictographic elements are a language that completes its intention, that is, communicates in an intelligible way, and that when they are racialized, they become discursive tools of identity and black resistance in the digital.

Keywords: Digital Aquilombamento. Quilombola Women. Emojis. Black Positioning.

POSICIONAMIENTO, LENGUAJE Y AQUILOMBAMIENTO: LOS EMOJIS NEGROS COMO HERRAMIENTAS DE RESISTENCIA EN LO DIGITAL

Resumen: Las tecnologías digitales y de la información permiten que las prácticas, antes amoldadas a las actividades analógicas, existan, también, en entornos online. Una vez establecidas en las prácticas sociales y lingüísticas, estas herramientas han resignificado pensamientos y acciones, volviéndose indispensables para importantes discusiones como los procesos de alteridades, identidades y temas raciales/étnicos. En este camino, pretendemos promover un debate sobre la racialización de los emojis utilizados en entornos virtuales como herramientas de identidad y resistencia negra en el mundo digital. Para ejemplificar lo que nos proponemos discutir, analizamos algunos comentarios producidos por los participantes de una transmisión en vivo realizada por mujeres quilombolas en Facebook. Teóricamente, esta investigación se ancla en los postulados de la Lingüística Aplicada como hélice del pensamiento que toma el lenguaje como práctica social, transdisciplinar, indisciplinar y transgresora. Además, utilizamos algunos conceptos de Sistemas Dinámicos Complejos (Paiva, 2015), Teoría del Posicionamiento (Barton; Lee, 2015), entre otras autoridades relevantes para la discusión. En términos metodológicos, se trata de una investigación de carácter cualitativo, cuyo objetivo exploratorio permitió investigar, analizar y diseñar una visión sistemática del objeto en cuestión. Dadas las interacciones de los usuarios que se expresaron durante el directo, se pudo constatar

que los usos de los emojis se dan en dos niveles, que son: la unión de los emojis con la escritura textual; y el uso de los emojis sólo como forma de comunicación. Esto pone de manifiesto que los elementos pictográficos son un lenguaje que completa su intención, es decir, comunica de forma inteligible, y que cuando se racializan, se convierten en herramientas discursivas de identidad y resistencia negra en lo digital.

Palabras clave: Aquilombamento digital. Mujeres de Quilombola. Emojis. Posicionamiento en negro.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das mais importantes características da globalização é o avanço tecnológico que se estabeleceu como corriqueiro em nossas ações do dia a dia. Por esse viés, entendemos que a internet abarca uma abrangência de virtualidades que utilizamos todos os dias e para inúmeras finalidades, dentre elas, o que chamamos de “espaços digitais”. Esses sítios virtuais criam oportunidades para que as pessoas interajam umas com as outras por meio de publicações e comentários ou compartilhem interesses em comum. Em meio a essa dinâmica que se apresenta em ambientes virtuais, surgem páginas, grupos e comunidades formadas por essas pessoas que possuem os mesmos ideais.

Partindo desses pressupostos, torna-se pertinente evocar o conceito de Aquilombamento Digital (SANTANA; SOBRINHO, 2020), que implica práticas sociais e de linguagem da população negra, que se expandem dos ambientes presenciais para os espaços *online*, ressignificando-as à medida em que os sujeitos interagem uns com os outros e, também, com o próprio espaço – visto que são repletos de ferramentas e recursos que propiciam interações. Nesse sentido, este trabalho tem a intenção de discutir o uso dos *emojis*, não só como forma de comunicação, mas, também, como ferramenta capaz de reafirmar identidades, afirmar posicionamentos e serem propulsores da resistência negra no digital.

Nesse sentido, a partir de uma *live* produzida por mulheres quilombolas em uma página no *Facebook (FB)*, intitulada “Raízes de Dandara: pretas e sua importância na construção dos quilombos”, analisamos os comentários que emergiram no decorrer das falas e identificamos os usos dos *emojis* enquanto recursos discursivos que intensificam a noção de pertencimento à causa. Ressaltamos que o termo “Aquilombamento Digital” não está ligado apenas às práticas das comunidades quilombolas, mas de toda a rede que envolve o movimento negro, visto que o conceito de “aquilombamento” também sofreu ressignificações com o tempo, e que suas

especificidades abrangem diversos lugares como: comunidades quilombolas, terreiros de candomblé, coletivos negros, entre outros.

Essas práticas realizadas presencialmente, ao serem redimensionadas para o digital, sofrem o que compreendemos ser o Aquilombamento Digital, uma vez que se expandem em forma de páginas, grupos, comentários em postagens, *posts* e demais ações que apresentem o intuito de unir, agregar, ou seja, aquilombar. Por esse viés, vislumbramos os usos de recursos desses espaços, também como significações, como é o caso dos *emojis*.

Em termos metodológicos, esta pesquisa possui abordagem qualitativa, cujos objetivos descritivo e exploratório, servem como fios condutores para descrevermos e analisarmos o recorte que delimitamos. Uma vez que o espaço para as discussões é limitado, optamos por trazer cinco comentários que demonstram a utilização dos *emojis* como ato de comunicação dentro do espaço da *live* transmitida via *FB*. Nesse ponto, ressaltamos o cuidado com a ética na pesquisa, pois embora os excertos tenham sido retirados de um espaço público, optamos por não expor os nomes verdadeiros dos participantes que comentaram a *live* e suas fotos de perfil, visto que “é importante ser a ética a condutora das ações de pesquisa, de modo que a investigação não traga prejuízo para nenhuma das partes envolvidas.” (PAIVA, 2019, p. 17).

1. AQUILOMBAR-SE E AQUILOMBAMENTO DIGITAL

Segundo o dicionário *on-line* de Língua Portuguesa, o verbete “aquilombar” significa “fazer quilombo” ou “reunir em quilombo”. Tal sentido implica questões profundas que circundam ideologias, histórias, culturas e políticas do/para o povo negro. Concernente a “aquilombar-se” como um movimento, os estudos de Bárbara Oliveira Souza (2008) oferecem importantes contribuições para esse entendimento, uma vez que determina que se aquilombar vai além da definição literal do termo, instituindo-se histórico, pois engloba atos como a luta pela garantia da sobrevivência física, social e cultural dos quilombolas. Nas palavras da autora, esse movimento:

[...] abarca uma dimensão secular de resistência e luta dos africanos e seus descendentes, muitas vezes em conjunto com indígenas e até brancos, e chega aos dias atuais na batalha pela garantia de direitos fundamentais, como a titulação das terras que tradicionalmente ocupam as comunidades quilombolas. (SOUZA, 2008, p. 13).

Durante a escravidão, os quilombolas faziam frente aos seus interesses por meio de estratégias que se moldavam às necessidades da época: fugas bem arquitetadas, acampamentos em territórios estrategicamente posicionados a fim de garantirem a segurança, proteção das sementes para garantir a subsistência (caso necessitassem abandonar seus acampamentos às pressas), e as guerras travadas em prol à liberdade na contemporaneidade. Hodiernamente, as estratégias utilizadas em prol da luta negra contemporânea precisaram ser redimensionadas para acompanhar as mudanças que decorrem da própria dinâmica social que se estabelece através do tempo, como os movimentos sociais que asseguram os direitos dos povos quilombolas, tais como: títulos coletivos das terras, leis que asseguram a implementação de acesso às informações da história dos povos negros e quilombolas na educação, luta contra o racismo, dentre outras pautas necessárias.

Partindo desses pressupostos, compreendemos que as lutas negras, e no caso específico dessa pesquisa, as lutas quilombolas, ocorrem nos mais diversos espaços, dentre eles, os ambientes virtuais. Dessa forma, o quilombamento que outrora ocorria apenas de maneira presencial, sofreu um realocamento para os espaços *online*. Nos termos de Barton e Lee (2015), esse deslocamento que se dá do *off-line* para o *online* não implica perder o sentido ou a importância, pois, para os autores, “não é realmente possível separar atividade *on-line* de *off-line*, e as pessoas podem ter fortes laços *off-line* em qualquer site *on-line* (BARTON; LEE, p. 53). Nesse viés, o quilombamento em espaços mediados digitalmente não se configura como um novo movimento, mas sim como a expansão do movimento quilombola atual para a espacialidade *on-line*, garantindo, em seus termos, que a luta se atualize, ressignifique, expanda, mas nunca, em hipótese alguma, estagne. Dessa forma, “ao considerar o quilombo como categoria científica, podemos aplicá-la para pensar a criação e ocupação de territórios digitais” (LEBLANC, 2019, p. 5).

Das pesquisas realizadas sobre “quilombamento digital”, verificamos que ainda há pouco na literatura sobre o tema, propriamente especificado por essa nomenclatura. Há dois trabalhos que versam sobre o tema de forma direta, trata-se da obra *Aquilombamento Digital: identidades negras e contemporaneidade*, que aborda, dentre outros aspectos, a questão da formação da identidade social e cultural de jovens negros no contexto digital, em via de “investigar a influência das interações mediadas pela internet na formação de identidade de jovens negros” (SANTANA E SOBRINHO, 2020, p. 17). E o artigo intitulado “Aquilombamento

Digital: mulheres negras, comunicação e trabalho em uma rede de afetos” (CONCEIÇÃO, 2020). Além dessas pesquisas, há um trabalho do ano de 2019 que traz o termo “aquilombamento digital”, porém não o especifica e nem o conceitua. Refere-se ao artigo “Quilombos Digitais: desafios para pensar contemporaneamente o trânsito de imagens e narrativas” (LEBLANC, 2019).

Embora as discussões sobre o tema ainda sejam escassas, o aquilombamento digital é uma realidade advinda da contemporaneidade. Ao fazer uma busca rápida pela rede, é possível encontrar canais no *YouTube* que falam sobre o tema, além de páginas e perfis em redes sociais que, por mais que não o discutam, praticam o ato de aquilombar-se no digital, visto que nesses espaços, as pessoas estabelecem diálogos entre os mesmos grupos ou com os interlocutores online. Em vista dessa discussão, não se sabe ao certo a origem dessa nomenclatura, acredita-se, segundo Conceição (2020), que o termo “aquilombamento” vai ao encontro do conceito de quilombismo² cunhado por Abdias do Nascimento. Para ela, trata-se de “uma atualização do movimento quilombista na contemporaneidade, onde ele se utiliza de técnicas e ferramentas tecnológicas na tentativa de uma sociedade com equidade.” (CONCEIÇÃO, 2020, p. 12).

A partir da compreensão original do termo “quilombo” e da ideia de aquilombamento digital ser uma atualização do quilombismo, compreendemos que o que constitui o termo “aquilombamento digital” e a ação de “aquilombar-se”, é a rede de apoio entre pessoas que reafirmam suas identidades negras pertencendo ao movimento presencial que se expandiu para o digital, portanto:

Este "aquilombamento" no ambiente urbano e com o uso de plataformas digitais se torna o ocupar e o resistir de uma população negra que integra a sociedade contemporânea. É uma forma encontrada por esta população de se manter conectada com a ancestralidade e cultivar esperanças para a concretização de um futuro melhor. (CONCEIÇÃO, 2020, p. 12).

Diante do exposto, Santana e Sobrinho (2020) inferem que o aquilombamento digital gera espaços digitais que garantem aos negros a possibilidade de acesso a novas narrativas, outros olhares sobre corpos biológicos e sociais que se engajam numa voz uníssona a uma mesma causa, embora forjada por seres humanos diferentes. Nessa direção, “quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial”. (NASCIMENTO,

² “uma das principais matrizes ideológicas que permeavam o movimento negro nos anos 1980, aliando radicalismo cultural a radicalismo político.” (GUIMARÃES, 2002, p. 100).

1980, p. 348). Esses aspectos reverberam positiva e instintivamente no digital, enquanto prática social ressignificada pela luta.

De acordo com o debate exposto, ressaltamos a importância dos processos de ocupação de espaços pela população quilombola, onde podem se reunir para debater pautas políticas, culturais, históricas, sociais e ideológicas. Tais pautas abordadas no digital, tornam-se abertas a toda à comunidade contribuindo para que questões profundas sejam expostas. Desse modo, empreendemos o pensamento de que “aquilombar é uma forma de ser no mundo” (BATISTA, 2019, P. 399).

2. POSICIONAMENTO, RESISTÊNCIA E IDENTIDADES QUILOMBOLAS NO DIGITAL

Ao considerar o caráter dinâmico de espaços digitais como o *FB*, Barton; Lee (2015) apontam que essas plataformas existem para que as pessoas possam interagir umas com as outras através de conteúdos escritos, mas, principalmente, por recursos multimodais. Essa interação é realizada por meio de comentários gerados a partir de um determinado conteúdo (postagem). Nessa perspectiva, “comentar é um ato importante de se posicionar e posicionar os outros; isso constitui um posicionamento” (BARTON; LEE, 2015, p. 22). Assim, percebemos que as práticas sociais e de linguagem circundam temáticas importantes para a vida em sociedade, de modo que, parafraseando a citação de Bakhtin (1981), os discursos *on-line* transformaram-se na arena onde se desenvolve a luta de classe, uma vez que *on-line* e *offline* são fluidos: o que acontece em um, ocorre também no outro, dependendo dos eventos, ou seja, ambos se retroalimentam.

Barton e Lee (2015) apontam, ainda, que espaços *on-line* criam situações de aprendizagens informais com os mais diferentes tipos de saberes, ou seja, o caráter dinâmico desses espaços digitais grupais torna-se seguros para as interações, visto que todos podem compartilhar e receber informações de acordo com suas vivências, e no caso das mulheres quilombolas, suas “escrevivências³”. Em se tratando de posicionamento negro no digital, “essa movimentação de forma orgânica nos revela uma nova relação estrutural entre pessoas negras no ambiente digital para chegar e sobreviver.” (CONCEIÇÃO, 2020, p. 7). Trata-se do existir negro

³ Termo cunhado pela professora e escritora Conceição Evaristo (2017). Trata-se de uma escrita que se dá através das vivências coletivas ou individuais de mulheres negras, em sua maior parte, contadas por elas próprias, daí deriva o termo, de escrever vivências.

em ambientes virtuais como prática emergente do aquilombamento digital, permitindo-nos compreender os posicionamentos como posturas que emergem a partir dos discursos, sejam eles escritos ou multimodais⁴, pois:

a postura não marca apenas como um indivíduo marca sua posição, mas também quais atos comunicativos alguém quer alcançar ao fazer isso, e como a marcação de postura promove a interação dentro de um contexto maior [...] esses atos de posicionamento multimodal-multilíngues, são geralmente autogerados no início e mais tarde se tornam colaborativos. (BARTON; LEE, 2015, p. 121).

Diante do exposto, Paiva (2015) entende que a linguagem se constitui como um Sistema Dinâmico Complexo (SDC) cujas tecnologias digitais de comunicação apresentam forte impacto nas formas de linguagem, principalmente naquelas mediadas digitalmente. Nos espaços de escrita *on-line*, os usuários percebem as virtualidades que empreendem a gama de opções com as quais podem se comunicar, criando formas multimodais (BARTON; LEE, 2015). Desse modo, o *FB* dispõe de recursos imagéticos como forma de comunicação, dentre os quais, citamos os *emojis*⁵ — figuras carregadas de sentidos capazes de expressar com clareza determinados tipos de enunciados.

Entendendo que práticas sociais e de linguagem emergem de formas complexas e dinâmicas, percebemos que os posicionamentos podem expressar ideologias e também identidades, de modo a se constituírem e modificarem por meio das interações dos sujeitos com o sistema que atua como espaço dinamizador e propiciador dessas práticas. Por esse caminho, Santana; Sobrinho (2020, p. 102) entendem que “identidade é um conceito de fundamental relevância aos diversos processos que integram as dinâmicas sociais”. Dessa maneira, os espaços *on-line* funcionam como oportunidades para textos multimodais atuarem como forma de autorrepresentação, além de serem ferramentas que permitem a expressão de opiniões sobre assuntos de qualquer natureza, inclusive as questões étnico-raciais e identitárias, dado que:

Nos espaços de escrita *on-line*, as pessoas percebem e mobilizam as virtualidades, no intuito de agir segundo determinados propósitos [...] ao usar a linguagem, as pessoas agem em relação a outros grupos e

⁴ Segundo Kress e van Leeuwen (2006) textos multimodais são aqueles que se utilizam da combinação de códigos semióticos para produzirem sentido no ato da transmissão de um enunciado, como a combinação de texto escrito e imagem, por exemplo.

⁵ “Figuras geradas pelo sistema Unicode” Paiva (2015, p. 389).

comunidades de várias maneiras, incluindo os *grupos de afinidade* de que participam. (BARTON; LEE 2015, p. 39).

Ao observar os espaços *on-line* sob à ótica do aquilombamento digital, é possível perceber que posicionamentos de resistência por meio de discursos podem gerar autorrepresentações de acordo com o grupo de pessoas que os utiliza. Concernente a isso, tomamos como exemplo uma página de mulheres quilombolas no *FB*, universo desta pesquisa. Ao enxergar os *emojis* como possibilidades discursivas de posicionamentos, resistência e identidades, identificamos que o sistema *FB* passou por atualizações que permitiram essa forma de expressão aos usuários da plataforma. Assim sendo, as pessoas podem escolher como querem ser autorrepresentadas por meio dos discursos multimodais. Desde 2016, o *FB* dispõe de uma paleta de cores de tons de pele que contempla a diversidade, permitindo aos usuários utilizarem as cores de tons de pele nos *emojis* que os representem.

Nesse ponto, retoma-se a discussão acerca das identidades em devir, visto que as características identitárias dentro de uma comunidade são constituídas por heterogeneidades sob a égide de “que as identidades estão, todas elas, em permanente estado de ebulição” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 71). Para Rajagopalan (2003), a única maneira de definir uma identidade seria se essa mesma identidade se opusesse a outra, como em um jogo em que as identidades só podem ser pensadas de formas estruturais, estabelecidas por um momento específico. Trata-se do sujeito *pós-moderno*, uma das concepções apresentadas por Stuart Hall (1997) sobre uma crise de identidade que perpassa a contemporaneidade, uma vez que o homem não possui uma identidade fixa, mas se constitui de muitas outras. Bakhtin (1981) propôs essa concepção como sendo parte da constituição do sujeito ideológico, em que os discursos anteriores, de alguma forma, contribuíram para a concepção ideológica do sujeito presente. Como bem diz Candau:

as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de “traços culturais” – vinculações primordiais-, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socio situacionais – situações, contexto, circunstâncias-, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de “visões de mundo”, identitárias ou étnicas. (CANDAU, 2011, p. 27).

Tangente às identidades negras e quilombolas no digital, há um processo de construção identitária que independe do olhar do outro sobre o negro. Nesse ponto, apresentamos os

conceitos de “auto atribuição” e “autodefinição”, definidos por Munganga (2012) como a ideia de um próprio grupo estabelecer sobre si sinais diacríticos para se autodefinir e criar essa noção de pertencimento e representatividade de sua ancestralidade, ou seja, sua negritude. Dessa forma, o autor compreende as identidades negras, também, como ações “autoatributivas” e “autodefinidas”, permitindo o olhar auto afirmativo das identidades negras e quilombolas no digital, ou seja, o olhar do negro sobre si mesmo em espaços digitais adaptativos complexos permeados de práticas de língua(gem) e, depois, o olhar do outro sobre esse grupo. A respeito disso, é pertinente destacar que:

No Brasil, a popularização da negritude foi acompanhada pela ampliação de sua inserção social e diversificação de seus significados. Do sentido de consciência racial, a negritude estendeu sua ação para diversos planos em que a identidade negra é usada como chave para ativar a enunciação da diferença e comunicar mensagens. (GIBSON CUNHA; ALBANO, p. 64).

Sobre a representatividade negra, Kabengele Munanga (2020, p. 50) afirma que “consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, como desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro”. Tal afirmativa contempla que o orgulho do povo negro, neste caso, o orgulho do ser quilombola, expande-se, ainda, aos espaços virtuais, pois são carregados de sentido, linguagem, dinamicidade e complexidade, cujas identidades podem ser lidas sob as óticas multimodais que fazem parte da dinâmica e adaptação de sistemas.

3 EMOJIS NEGROS: IDENTIDADE E RESISTÊNCIA ONLINE

O funcionamento discursivo dos *emojis* se dá, antes de tudo, através de uma funcionalidade do próprio *FB*, que passou por mudanças em suas interfaces desde a sua criação e vem aprimorando seus recursos a cada dia. Concernente a nossa temática, elucidados os *emojis* com formas e cores diferentes, visto que, antes, eles eram apenas amarelos, não havia diferenciação de tons de pele. Nesse sentido, compreender o caráter dinâmico e complexo da linguagem, é fundamental para atribuir um significado de verdade aos *emojis*, uma vez que eles “não são meras ilustrações, pois “[...] fazem emergir, de forma muito criativa, uma rede complexa de sentidos.” (PAIVA, 2015, p. 395).

Em tempos cibernéticos, a tecnologia permite que acessemos o mundo sem sair de casa, acarretando modificações em nossas práticas cotidianas. Dessa forma, “as práticas sociais em que a linguagem está inserida têm importância particular quando se examina a linguagem *online*, especialmente por causa das constantes mudanças.” (BARTON; LEE, 2015, p. 24). Nessa direção, entendemos que os recursos digitais, como os *emojis*, são produtos que emergem em ambientes virtuais, a medida em que os usuários passam a utilizá-los em suas práticas sociais. É nesse sentido que Barton e Lee (2015) ponderam sobre a importância de entender os reais usos dessas novas formas de linguagem nesses espaços, a fim de identificar os novos sentidos que são atribuídos a elas, uma vez que “as pessoas criam e são criadas pelo seu ambiente” (2015, p. 45).

Por esse caminho, a linguagem estar em constante processo de mudança, indica que ela se modifica à medida em que os usuários interagem entre si, e atribuem novos significados aos usos e contextos por meio dela. A exemplo disso, citamos o *emoji* que representa o choro (🥲), utilizado habitualmente para expressar sentimento de tristeza ou fortes emoções. Assim, não há como diminuir o valor desses pictogramas por serem da ordem da multimodalidade, antes, é necessário entendê-los como linguagens carregadas de sentidos.

A exemplo disso, podemos observar o uso do coração negro, encontrado em muitos comentários da *live*, que sofreu uma ressignificação do seu uso original. “Antes da existência dos *emojis*, utilizava-se o coração preto da mesma forma que se utiliza hoje o coração roxo. Atualmente esse *emoji* é utilizado para expressar dor ou perda⁶”, entretanto, quando utilizado em um contexto como a *live* das mulheres quilombolas, o coração preto é ressignificado à medida em que é utilizado para expressar sentimentos e ações em torno da causa negra, ou seja, é-lhe atribuído um significado ideológico racializado, como podemos perceber nos comentários do Excerto # 01, a seguir,

O Excerto # 01 apresenta dois comentários que achamos interessante juntar, pois faz uso do mesmo recurso digital: o coração negro. O primeiro comentário chama a atenção pelo fato de a participante ter optado por utilizar apenas o *emoji* de coração negro, sem o uso do texto escrito para completar o sentido. Isso corrobora com a categoria de adaptação de um Sistema dinâmico complexo, uma vez que os agentes (participantes) que compõem o sistema da *live*,

⁶ Significados (2020).

optaram por utilizar os recursos disponíveis que mais se adequam às necessidades naquele determinando momento, proveniente de uma auto-organização que esse sistema sofreu.

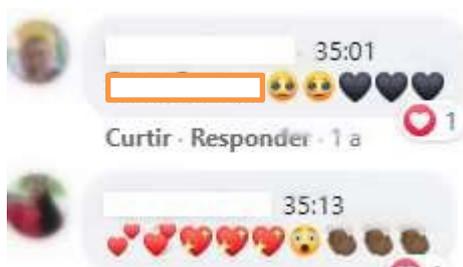
Excerto # 01



Fonte: elaboração própria (2021)

O segundo comentário, também apresenta o uso do coração negro, no entanto, ele está acompanhando o texto escrito. Quando a participante coloca a palavra “Maravilhosas” seguida por um coração negro, ela está intensificando o adjetivo usado para expressar que as mulheres negras é quem são maravilhosas. A seguir, é possível ver a junção de diferentes tipos de *emojis* utilizados nos comentários.

Excerto # 02



Fonte: elaboração própria (2021)

O Excerto # 2 mostra mais dois comentários em que as participantes utilizam os *emojis* para expressarem suas reações e marcarem seus posicionamentos em relação à luta negra e quilombola por meio da linguagem. A participante do primeiro comentário escreveu o nome da jovem palestrante que falava no momento em que retiramos o trecho da *live*. Em seguida,

apresenta um *emoji* que representa um rosto emocionado (😬), seguido de *emojis* de coração negro (♥).

Quando lançado, o coração negro tinha o intuito de expressar o luto de uma perda, no entanto, nesse contexto, ele sofre uma resignificação, fazendo emergir sobre si um novo significado, trata-se de um coração negro em sinal de sentimento à fala negra proferida na *live*. Podemos observar ainda no segundo comentário, a presença de um texto produzido, em sua totalidade, a partir da utilização de *emojis*. São corações que retribuem afeto pelo que foi dito, há ainda uma carinha de espanto, com olhos arregalados e boca aberta seguido de palmas negras.

Excerto # 03



Fonte: elaboração própria (2021)

O *emoji* que indica espanto (😬) é utilizado para representar situações assustadoras ou o sentimento de surpresa. Nesse sentido, a fala da palestrante pode ter surtido um efeito de surpresa diante dos que assistiam, devido à fala forte de uma jovem mulher que está afetada pela luta negra, carregando em seu discurso, a representatividade da mulher quilombola. As palmas negras (👏) indicam concordância, e também uma afirmação identitária vinda da participante que escreveu o comentário. Pois ela pôde escolher, a partir da paleta de cores de tons de pele disponibilizada pelo sistema *FB*, a cor que a representa dentre outros tons de pele,

ou seja, a cor negra. Por ser uma *live* temática, muitas foram as interações que relembram Dandara dos Palmares enquanto símbolo de resistência da mulher negra, como podemos ver a seguir:

Ao afirmar “Raízes de Dandaras”, as mulheres negras estão fazendo emergir a questão da ancestralidade, afirmando-se “descendentes de Dandara dos Palmares”, a grande guerreira. Por isso há o enaltecimento de grandes mulheres quilombolas que são símbolos de luta e resistência. O posicionamento delas é *dandarizado*⁷, marcado pela história de Dandara e de outras mulheres que lutaram e lutam em prol do protagonismo feminino negro. Essas mulheres não se inscreveram na história para serem apenas conhecidas como grandes guerreiras, elas foram e são grandes guerreiras e por isso se inscrevem na história. A respeito disso, torna-se pertinente destacar que:-

Ao longo dos anos, a existência dos quilombos tem permitido a preservação de espaços de manutenção e resistência da cultura negra e da ancestralidade africana; uma (re)existência que deve muito à liderança de mulheres quilombolas [...] quando se fala em quilombo, pouco é dito sobre as mulheres quilombolas, apesar de a maior parte dos quilombos ser liderada por elas. (SOUSA; LIMA; SOUSA, 2020, p. 91).

Elas seguem passos historicamente constituídos pelas mulheres que as antecederam, como Dandara dos Palmares, Anastácia, Tereza de Benguela, Maria Aranha, dentre tantas outras mulheres importantes que precisam ser lembradas para dar continuidade à luta nos dias atuais. Trata-se das legítimas representantes dos movimentos negros do passado e do presente, que lutam pela liberdade de seu povo em todas as esferas sociais. As mulheres que lutam, almejam liberdade para si e para os seus, por uma sociedade livre de racismo e opressão, desafiam a estrutura machista que se perpetua em diversos contextos históricos, instigando os levantes Brasil à fora e mobilizando mais e mais mulheres a lutarem por uma sociedade mais justa. (DEALDINA, 2020).

Abaixo, vê-se mais uma interação que utiliza o *emoji* como ferramenta imagética de afirmação das identidades e resistência negra.

⁷ Termo cunhado pelo Dr. Valdir Silva, orientador desta pesquisa, em uma de nossas conversas de orientação.

Excerto # 04



Fonte: elaboração própria (2021)

O comentário traz o discurso “que orgulho”, finalizado com ponto de exclamação, atribuindo intensidade ao enunciado. Tais escolhas linguísticas nos permitem inferir que a comentarista está orgulhosa, não só da história das outras mulheres, mas, também, da sua própria história. O *emoji* de punho cerrado (👊) agrega mais força à fala, pois se refere a uma mão negra cerrada em tom de luta e resistência.

Nos comentários encontrados durante a transmissão da *live*, identificamos que os sujeitos que constituem esse sistema utilizam *emojis* negros para marcarem identidades raciais à medida em que se posicionam em defesa da causa quilombola discutida na *live*. São expressões de palmas negras (👏), punho cerrado negro (👊) e corações negros (❤️). Trata-se, pois, da representação legítima e ideológica da posição preta/negra no ambiente digital.

No bojo dessas questões, Barton e Lee (2015) utilizam o termo “postura” para designar o ato de se posicionar em novas mídias enquanto se enuncia algo a alguém ou em uma determinada situação. Para os autores, a postura não se dá de forma individual, mas sim de forma colaborativa, nesse caso, por uma rede de pessoas que utilizam o *FB*. A fim de compreender melhor esse conceito, os autores explicam que:

postura, em suma, se refere ao posicionamento das pessoas em relação a si mesmas, ao que é dito e a outras pessoas ou objetos[...] a postura é marcada por formas particulares de linguagem, mas também por outros recursos para a construção de significado [...] há três componentes principais – a pessoa que expressa a postura, o tema discutido e os recursos utilizados [...] (BARTON; LEE; 2015, p. 118).

Dito de outro modo, ao tomar a *live* como exemplo, a postura é a forma como o participante enxerga a si mesmo e passa a ser visto pelo outro à medida em que expressa um enunciado. Ainda que a postura marque formas particulares de linguagem, ela se dá em um ambiente público, logo, “a postura é também um ato público” (p. 119). Nesse sentido, os

participantes da *live* utilizaram os três componentes principais de que falam os autores para enunciarem seus posicionamentos, uma vez que se expressaram sobre o tema discutido por meio da utilização de palavras e dos *emojis*.

Paiva (2015) afirma que a relação entre os sujeitos que compõem um sistema influi diretamente nas práticas sociais de linguagem, fazendo emergir seu caráter complexo, uma vez que a inter-relação entre vários sujeitos é o que produz sentidos, assim como a tecnologia que medeia essas práticas. Dessa maneira, os comentários postados em publicações podem garantir sentimentos e ações verdadeiras, tal como expressam ideias e ideais carregados de significado para causas importantes, como o posicionamento que reafirma uma identidade negra e quilombola. Sobre esses posicionamentos identitários, Stuart Hall (1997) aborda que representações sociais provenientes de relações étnico-raciais, são capazes de produzir significados que refletem às identidades de um povo por meio de representações e marcadores sociais. Para o estudioso:

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra (1997, p. 61).

Diante do exposto, compreendemos que não existe um conceito fixo e imutável de identidade, mas sim identidades que vão se construindo dia após dia por meio da diferença e das relações que os seres humanos desenvolvem uns com os outros, ou seja, as identidades em devir. Nessa direção, percebemos que o uso dos *emojis* negros utilizados para marcar posturas, afirmam identidades negras por meio de recursos digitais consolidados a partir da representação social individual que se expande para o coletivo.

Desse modo, escolher a cor pela qual quer ser autorrepresentado no digital, é uma escolha individual, pois a plataforma do *FB* não dispõe de algoritmos que identificam a cor do usuário, menos ainda, suas intenções. A ação de clicar para que apareçam as opções de cor de pele, movimentar o cursor para encontrar a representação pictográfica que mais representa quem está escolhendo a opção, constitui-se como afirmação de uma identidade negra que será exposta não só na página, mas para o mundo, uma vez que o acesso é livre e o poder de alcance

da internet é ilimitado. Dessa maneira, reafirma-se como um sistema dinâmico aberto e sujeito a mudanças de acordo com o uso e as interações dos sujeitos de formas individuais ou coletivas.

Por isso, no contexto digital, não se fala apenas por meio do texto escrito, mas também pela utilização de representações imagéticas, que reforçam esses posicionamentos/posturas de resistência. Consoante a isso, Seba e Gallardo (2021) ao teorizarem sobre o posicionamento on-line, afirmam que:

A participação dos usuários nas práticas sociais e de linguagem no contexto digital das redes sociais possibilita e favorece a construção e ressignificação de sentidos, por meio das possibilidades de interação disponíveis e favorecem a experimentação de identidades. Demarcam, deste modo, a heterogeneidade de cada usuário, seja nos comentários, compartilhamentos de conteúdos, postagens, ou pela **sinalização dos símbolos disponíveis para expressão**. Esses posicionamentos ampliam o compartilhamento de pontos de vista e, assim, de possibilidades de criatividade, reflexão e criticidade dos usuários no fluxo nos/dos meios on e off-line. (SEBA; GALLARDO, 2021, p.19, grifos nossos).

Excerto # 05



Fonte: elaboração própria (2021)

Com base nessas discussões, ao concebermos as práticas de aquilombamento digital enquanto posicionamentos por meio da linguagem online, reconhecemos que essa prática é

ressignificada, pelas múltiplas linguagens digitais, como os *emojis* e a própria espacialidade. Portanto, são essas práticas sociais de linguagem que corroboram na constituição daquilo que tomamos como a ação de aquilombar. Vejamos mais alguns deles. no Excerto # 05 anterior.

Paiva (2016) assegura que “o *FB* é também um sistema adaptativo, pois está em constante processo de mudança e adaptação, ou seja, [...] o sistema aprende, muda, evolui e se adapta.” (PAIVA, 2016, p. 68). Por ser um sistema de ordem dinâmica, o *FB* é afetado pelos efeitos produzidos pelos movimentos de apoio à diversidade. Sendo assim, precisou acoplar a sua interface a funcionalidade que permite aos usuários, escolherem os tons de pele pelos quais querem ser representados, possibilitando, dessa forma, a utilização de marcadores de identidades raciais, ao permitir que as cores relacionadas aos tons de peles negras estejam relacionadas direta e indiretamente com aquele que reage; e isso é dizer, isso é gritar, isso é se posicionar: é uma fala negra imagetivamente instituída.

O ato de se expressar em um ambiente coletivo, onde outras pessoas apresentam interesses em comum, está inserido no contexto do aquilombamento digital, pois é uma prática social no digital que aquilomba, ou seja, reúne e agrega. E o significado de postura está diretamente relacionado a isso, uma vez que:

a postura não marca apenas como um indivíduo marca sua posição, mas também quais atos comunicativos alguém quer alcançar ao fazer isso, e como a marcação de postura promove a interação dentro de um contexto maior [...] esses atos de posicionamento multimodal-multilíngues, são geralmente autogerados no início e mais tarde se tornam colaborativos. (BARTON; LEE, 2015, p. 121).

O contexto maior, ao qual se referem os autores, pode ser facilmente relacionado à emergência que é o aquilombamento digital. Se a emergência é produto da interação entre os agentes, esse ato de aquilombar é sistêmico e complexo. Ele não só representa, como também é constituído por várias questões ideológicas, políticas e sociais.

Por conseguinte, as integrantes do grupo se agregam à medida em que se unem, e a agregação também é uma das propriedades dos sistemas dinâmicos. São mulheres unidas por questões ideológicas e sociais, cuja agregação desses agentes gera consequências no sistema, como a *live* produzida pelas administradoras da página quilombola, e até mesmo a própria página do grupo no *FB*, dentre outra série de subprodutos que emergem das práticas sociais de

linguagem todos os dias em ambientes virtuais, pois os sujeitos produzem discursividades em suas interações no sistema social. Por fim, o que resulta dessa agregação é a emergência que estamos chamamos de aquilombamento digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos o intuito de apresentar uma reflexão acerca dos usos dos emojis racializados como representações identitárias e ferramenta de resistência negra no âmbito do Aquilombamento Digital. Lançando mão de teorias como “Posicionamento” (Barton; Lee, 2015), Sistemas Dinâmicos Complexos (Paiva, 2015) e o próprio Aquilombamento Digital (Santana; Sobrinho, 2020), como categoria analítica, percebemos que os ambientes digitais são importantes para expandir e apresentar propostas profundas a qualquer pessoa que se interesse pela temática apresentada.

Acerca da utilização dos *emojis*, evidenciou-se que seu uso, em determinado contexto, sofre ressignificações que apontam questões complexas e pertinentes à sociedade. Ao ser autorrepresentado por um *emoji* racializado, o usuário da plataforma enuncia a cor da sua pele em toda a significância do ato: afirma-se, reafirma-se, resiste. Nessa direção, observamos que no decorrer da *live*, conforme as mulheres iam compartilhando conhecimentos através da oralidade, os comentários iam emergindo em forma de *emojis* na cor negra como demonstrações de apoio a causa, reafirmando a força negra através de identidades digitais.

Dessa maneira, abordar e refletir acerca de temas étnico-raciais, além de um ato político, social e cultural, reitera o fazer ciência em LA, pois visa os estudos da linguagem como meio de verificação das questões identitárias por meio de posicionamentos discursivos, isto é, um contributo com os estudos em práticas sociais e discursivas que se aportam na LA como uma nova base de temas transversais, entre os quais estão as populações consideradas minorizadas. Acerca disso, Moita Lopes (1996, p. 20), assevera que “a LA é uma ciência social, já que seu foco é em problemas de uso da linguagem enfrentados pelos participantes do discurso no contexto social [...]”.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1981.

BARABÁSI, A. **A Nova Ciência dos Networks**: como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciências. São Paulo: Editora Leopardo, 2002.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem Online**: textos e práticas digitais. Tradução de Milton Camargo Mota, 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BATISTA, P. C. O. **O quilombismo em espaços urbanos** – 130 anos após a abolição. UNICAMP: Extraprensa. v. 12, n. esp., p. 397. Set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153780>. Acesso em: 10 set. 2021. CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CONCEIÇÃO, K. S. **Aquilombamento Digital**: mulheres negras, comunicação e trabalho em uma rede de afetos. Orientadora: Cláudia Nonato. 2020. 24 f. TCC (Especialização) – Curso de Mídia Informação e Cultura, Universidade de São Paulo, SP, 2020. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/?q=pt-br/celacc-tcc/1928/>. Acesso em: 30 mai. 2021.

DEALDINA, S. S. **Mulheres quilombolas**: defendendo o território, combatendo o racismo e despartriarcalizando a política. In: Dealdina. S. S. (Org.). *Mulheres quilombolas*. São Paulo: Sueli Carneiro (Jandaíra). 2020, p. 26-44.

GIBSON CUNHA, F. ALBANO, G. S. **Identidades quilombolas**: políticas, dispositivos e etnogêneses. *Latinoamérica*. Revista de Estudios Latinoamericanos [en línea]. 2017, (64), 153184. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64052713007>. Acesso em: 25 out. 2021.

GOMES, F. S. **Mocambos e Quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GUIMARÃES, A. S. A. **Classes, raça e democracia**. 1. ed. São Paulo: 2002.

HALL, S. **Identidade Cultural**. Governo do Estado de São Paulo: Fundação Memorial da América Latina. Coleção Memo, 1997.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.

LEBLANC, P. B. **Quilombos Digitais**: desafios para pensar contemporaneamente o trânsito de imagens e narrativas. In: VI Simpósio Internacional LAVITS, 2019, Salvador. UFB. Pp. 1-13.

MOITA LOPES, L. P. **Afinal, o que é Linguística Aplicada?** In: *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado das Letras: 1996.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MUNANGA; K. **Negritude: usos e sentidos**. Ed. 04. BH: Autêntica Editora, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SANTANA, G. S. L. SOBRINHO, B. **Aquilombamento digital: Identidades negras e contemporaneidade**. Salvador: Independente, 2020, p. 102.

SEBA, A. L. D; GALLARDO, B, C. **Isso não é Tumblr: posturas críticas de internautas em um vídeo-tutorial no Youtube**. **EntrePalavras**, Fortaleza, V 11, n.3, p.1-21, set-dez, 2021.

SOUSA, B. O. **Aquilombar-se: Panorama histórico, identitário e Político do Movimento Quilombola Brasileiro**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, 2008.

SOUSA, A. C. LIMA, D. G. SOUSA, M. A. R. **Da comunidade à universidade: trajetórias de luta e resistência de mulheres quilombolas universitárias no Tocantins**. In: Dealdina. S. S. (Org.). **Mulheres quilombolas**. São Paulo: Sueli Carneiro (Jandaíra). 2020, p. 89-106.

PAIVA, V. L. M. de O. e. **A linguagem dos emojis**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas. n. 55, v.2, p. 379-395. 2015.

PAIVA, V, L, M, O. **Facebook: um estado atrator na internet**. In: ARAÚJO; J. LEFFA; V. (Orgs). *Redes Sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

PAIVA, V. L. M. de O. e. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

Sanny Kellen Anjos Cavalcante CANUTO

Mestre e Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGL - UNEMAT. Especialista em Linguística Aplicada na Educação pela Faculdade Única de Ipatinga. Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Atualmente interessa-se por questões relacionadas aos posicionamentos e identidades negras e quilombolas, racismo, antirracismo, branquitude e decolonialidade em ambientes digitais. É integrante o Grupo de Pesquisa CNPq: Linguagem, Tecnologia e Contemporaneidade em Linguística Aplicada (LINTECLA).

Valdir SILVA

Doutor em Linguística Aplicada pela Faculdade de Letras (FALE/UFMG, 2008) e pós-doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP, 2020). Professor efetivo do Curso de Letras/Cáceres, na área da Linguística Aplicada. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT na linha de Pesquisa Estudos de Processos de Práticas Sociais da Linguagem e do Programa de Mestrado Profissional em Letras/Cáceres (PROFLETRAS/CAPES). Integrante do Núcleo de Pesquisa em Linguagem e Tecnologia do Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem (CEPEL/UNEMAT) e do GT Linguagem e Tecnologia da ANPOLL. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq Linguagem, Tecnologia e Contemporaneidade em Linguística Aplicada (LINTECLA).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de doutorado e ao Grupo de Pesquisa CNPq Linguagem, Tecnologia e contemporaneidade em Linguística Aplicada (LINTECLA), por ser um espaço propiciador de inquietação e investigação.

REVISOR DE LINGUAGEM

Adson Luan Duarte Vilasboas Seba
e-mail: adson.seba@unemat.br